



**“VIVEMOS IDENTIFICADOS COM A CIVILIZAÇÃO, DENTRO DA CIVILIZAÇÃO”**

### **Autoimagens urbanas nos sertões da Bahia.**

VALTER GOMES SANTOS DE OLIVEIRA\*

#### **Imagens dos sertões da Bahia**

O episódio de Canudos foi sintomático no que concerne à revelação de um *Brasil desconhecido*<sup>1</sup>. Às vésperas do alvorecer do século XX e em voltas da implantação do regime republicano, o país se choca diante de uma realidade social que muitos brasileiros não conheciam ou não se preocuparam em enxergar. Um dos resultados do conflito foi o surgimento do livro que marcou uma fase de autodescoberta do Brasil. *Os sertões*, obra máxima de Euclides da Cunha, desenvolve uma profunda análise do país a partir do sertão, seu habitante e a guerra. O autor desenvolveu suas reflexões a partir da sua presença em pleno sertão baiano na fase final do conflito, quando aí esteve como correspondente do jornal *O Estado de São Paulo*, em 1897. Em paralelo à narrativa do escritor, um conjunto de fotografias produzidas pelo fotógrafo baiano Flávio de Barros também deixou imagens bastantes significativas produzidas no ambiente da guerra. Nas primeiras edições de *Os sertões*, algumas dessas fotografias foram veiculadas. Foi com essa obra que uma pequena intelectualidade sertaneja na Bahia estabeleceu um constante diálogo ao longo das décadas seguintes, quando do desenvolvimento das suas autoimagens das suas cidades no início do século XX.

Neste artigo, proponho uma abordagem sobre as construções dessas autoimagens pela pequena intelectualidade seja através de textos memorialistas, seja da imprensa de suas pequenas cidades, destacando o recurso que fazem da fotografia. O objetivo foi tentar

---

\* Professor Assistente de História na Universidade do Estado da Bahia e doutorando em História Social na Universidade Federal da Bahia. O trabalho conta com apoio de bolsa de pesquisa institucional da UNEB.

<sup>1</sup>Expressão extraída do jornal *Correio do Bomfim*, de 13/10/1940, com referência às viagens do presidente Getúlio Vargas a Goiás e Amazonas e sua provável visita a Canudos.

identificar como as cidades apareciam nessas fotografias e de que forma contribuíram para a construção de um espaço público urbano no sertão baiano, ideia a meu ver muito distante das imagens construídas pelos olhares externos.

Conforme Ana Maria Mauad (1997), durante o século XIX, foi o olhar estrangeiro que nos enquadrava, ao tempo que educava nosso olhar fazendo com que nos mirássemos na cultura importada de seus países. Na fotografia oitocentista, os sertões baianos foram praticamente alvo de olhares externos. Nessa configuração, é possível notar dois tipos: o da exuberância e o da miséria. Viajantes estrangeiros, como Augusto Stahl e Augusto Riedel, e depois brasileiros, como Marc Ferrez e Ignácio Mendo, focalizaram suas lentes na ostentosa paisagem da cachoeira de Paulo Afonso. São fotografias de forte apelo estético, típico da tradição pictorialista de paisagem. Outras imagens marcantes do sertão produzidas no final do século são as fotografias de guerra produzidas por Flávio de Barros durante a última campanha contra Canudos. Tendo sido o único fotógrafo autorizado pelo Exército a cobrir a guerra, suas fotografias cumpriram a função de dar visibilidade ao olhar do vencedor, ou da civilização, frente àquele cenário de miséria que era a cidadela de Canudos, e do poderio da República, representado pela infantaria militar.

Se as imagens construídas pelo sertão no século XIX foram notadamente marcadas pelo olhar externo, no qual, na maioria das vezes, prevaleceu a lógica do outro, com o advento de novas transformações ocorridas no cenário técnico e cultural das pequenas cidades sertanejas nas primeiras décadas do século XX, essas cidades passaram a ter oportunidades de produzir suas autoimagens através de fotógrafos radicados nas próprias localidades, onde em geral prevalecia uma lógica de evidenciar as novidades urbanas como marcas do progresso e de civilidade de seu povo.

Considerando que neste estudo fiz uso das imagens fotográficas veiculadas em textos memorialistas e jornais, destaco algumas características desses meios. A propósito, como pensa Hans Belting (2009), as imagens não devem se confundir com seus meios. As primeiras têm sempre uma qualidade mental, ao passo que as segundas são materiais. As imagens e os meios existem como dois lados de uma mesma moeda. Apesar das imagens

surgirem primeiro é através dos meios que se elas se materializam e que se estabelece a sua política de relações.

As imagens fotográficas não aparecem isoladas nos jornais. Fazendo parte de mensagens escritas, elas clamam por legendas. As fotografias acompanham os textos cumprindo tanto uma função de dar visibilidade ao que diz respeito às cidades como também para formar opinião pública sobre elas. Portanto, para analisar o contexto onde estavam inseridas, atento a seus usos e funções, foi necessário observá-las acompanhadas das suas respectivas legendas.

Creio que a difusão e recepção das primeiras imagens fotográficas que participaram da construção de um olhar urbano e civilizado no sertão foram realizadas no início do século XX através dos próprios jornais interioranos e dos textos publicados nos anais do V Congresso Nacional de Geografia, em 1916. Todos os trabalhos escritos que participaram do Congresso de Geografia estão reunidos em dois volumes. Alguns desses textos veicularam fotografias que, apesar da baixa qualidade de impressão, foram importantes na divulgação das imagens produzidas sobre os sertões baianos. Com relação ao padrão gráfico, os jornais do interior na época eram bastante precários e a impressão de clichês fotográficos exigia um investimento alto, normalmente preparados em Salvador, o que impossibilitava o seu uso constante nas edições semanais. Ainda assim, foram os principais responsáveis por cristalizar no imaginário local as cenas de suas próprias cidades, contribuindo assim na educação do olhar do sertanejo.

### **“A Terra do Bom Começo”**

O advento dos jornais impressos nos mais diversos sertões da Bahia contribuiu de maneira significativa para a criação de uma cultura literária e visual nessas localidades. As páginas dessas pequenas mídias veiculavam as mais importantes notícias do mundo, do país e dos próprios municípios, como também produções literárias e fotografias. Aos poucos aquele público leitor radicado no sertão passa também a participar da mesma aventura da construção do homem brasileiro que se quer civilizado como que fazendo eco ao vaticínio de Euclides da Cunha presente na epígrafe deste artigo.

Era geralmente no domingo que chegavam às mãos daquela população sertaneja os exemplares dos semanários. Durante várias décadas esse foi o principal ou até mesmo o único

veículo responsável por levar as notícias mundiais, nacionais e sobretudo locais ao indivíduo do sertão. Embora tendo surgido em Senhor do Bonfim, em 1898, um pequeno jornal ostentando o sugestivo título de *O Futuro*, somente anos mais tarde viria a configurar um desenvolvimento mais sólido da imprensa naquela cidade do nordeste baiano e assim, o projeto de construção pública de uma imagem de sertão civilizado. Embora geograficamente próxima do sertão de Canudos, a cidade emergente de Bonfim buscava construir sua autoimagem distante daquela que se havia plasmado das terras do Belo Monte, ainda que não estivesse livre de todas as suas marcas. Para tanto, a imprensa foi convocada como porta voz especial de sua elite letrada desejosa de difundir esse discurso, e juntamente com ela a fotografia cumpriu um papel especial na visibilidade do sertão urbano.

O maior jornal e o mais duradouro de Senhor do Bonfim na primeira metade do século XX foi o *Correio do Bomfim*. Suas atividades se iniciaram em 1º de outubro de 1912 estendendo-se até 1 de outubro de 1942. Seu proprietário e diretor, Augusto Sena Gomes, era um homem das letras e considerado por não poucos de seus conterrâneos como “o maior intelectual de todos os tempos” (SILVA, 1971: 122). Exerceu a função de intendente em 1924 e vereador em 1926, 1936 e 1947. Em torno do *Correio do Bomfim* reuniu um grupo expressivo da intelectualidade regional. Durante todo o seu tempo de circulação o jornal foi a principal voz na defesa dos interesses dos grandes produtores rurais da região frente ao Estado e país e um inquieto construtor de uma imagem de cidade civilizada no sertão. Em vários momentos a fotografia foi utilizada como instrumento para ajudar a difundir essa autoimagem contribuindo para a criação um modo de se ver a cidade de Senhor do Bonfim.

Tal impressão de cidade civilizada não nasce com o *Correio do Bomfim*, ainda que tenha sido seu principal propagador interna e externamente. Esse sentimento foi sendo progressivamente construído pela pequena intelectualidade na cidade desde sua emancipação política, ocorrido em 1870, e propagado pelos seus maiores representantes. Em 1906, Lourenço Pereira da Silva publica o primeiro livro sobre o município: *Apreciação circunstanciada sobre o município do Bomfim*. Esta obra segue o padrão das corografias em voga na época, com descrição da geografia e de fatos históricos do município. Assim o autor fixa a imagem que tinha da cidade:

A primeira vista desta **bella cidade sertaneja** comunica agradabilíssima impressão, pela **soberba perspectiva**, principalmente se a entrada se faz pelas estradas de Jacobina e Campo Formoso.

Penetrando-se pelo lado norte é também **surprehendente o panorama**, que se desenrola ás vistas curiosas.

O **soberbo palácio municipal**, a **bonita igreja** do Bomfim e outras **construções lindamente architectadas**, logo se apresentam como a indicar a existencia de **um povo civilizado**. Se, ao contrario, se entra pelo lado sul, a belleza da construcção excede á expectativa e nos encantam ainda lindos pomares, alguns dos quaes dentro da cidade; um defeito, portanto, mas um bello defeito (SILVA, 1906:53-4. Grifos meus).

José Lourenço procura chamar a atenção para a existência de outro tipo de sertão, com uma cidade urbanizada e dotada de hábitos refinados, ou seja, características necessárias para ser considerado um ambiente ordenado e civilizado. Este sertão era um contraponto àquele de Euclides. Para o autor, Canudos na época era dominada por “desvairados” e de ideal construído por “fanatismo grosseiro” e não poderia nunca ter sua comunidade auxiliada por Senhor do Bonfim. O autor procura estabelecer uma clara fronteira entre os diversos sertões existentes na Bahia da época. Havia o sertão da miséria, do banditismo e do fanatismo por um lado e por outro o sertão produtivo, da ordem e da civilidade. É importante notar que essa obra foi publicada somente uma década após os acontecimentos em Canudos. Para José Lourenço, seu povo orgulhava-se do fato de ter sido Senhor do Bonfim a primeira cidade na Bahia a reconhecer a instauração da República, tanto é que logo após o desfecho em Canudos o intendente Antônio Laurindo da Silva Duarte homenageia alguns de seus heróis de guerra concedendo seus nomes a três artérias da cidade, entre eles o de Moreira César a uma de suas poucas praças.



Figura 1 - Correio do Bomfim, 01/10/1939

A consagração desse sertão foi de fato constatada por Rui Barbosa em conferência em Senhor do Bonfim durante sua Campanha Civilista, em 1906. Vinte anos depois, em uma edição onde se destaca a presença do interventor federal, Landulpho Alves e comitiva para a inauguração da 1ª Exposição Regional de Caprinos e Ovinos, o *Correio do Bomfim* conta que aqueles foram dois dias de festa na cidade pela visita do “maior dos brasileiros”. Rui foi efusivamente

recepcionado na estação de trem com a presença de numerosa quantidade de pessoas de diversos municípios da região. “O maior gênio da raça” chegou ali com sua comitiva como “um cortejo de luz condigo de acompanhar um sol de imensa grandeza”. Em sua apreciada conferência Rui Barbosa consagrou a presença dos sertanejos naquela que chamou de “capital dos estados geraes do sertão”. Segundo o jornal, nas palavras daquele “excelso” homem público, “Bomfim era a Terra do Bom Começo – e que o bom começar era meio caminho andado para o bem acabar”. Como consta nadita matéria, tais palavras soaram na época como uma verdadeira profecia saindo dos lábios daquele que pregou “o evangelho das liberdades democráticas”<sup>2</sup>.

O *Correio do Bomfim* constata naquele momento que a profecia de Ruy Barbosa estava se realizando. O êxito da exposição foi comemorado pelo jornal como um “acontecimento auspicioso”. A edição, inclusive, saiu com seis imagens fotográficas, um número bem acima das edições normais. Dentre elas, quatro retratos de personalidades da políticanacional e internacional em cujas legendas se lê: “Dr. Landulpho Alves, interventor Federal na Bahia”, “Dr. J. Rocha Medeiros - secretário da agricultura”, ilustrando a matéria de capa sobre a 1ª Exposição Regional de Caprinos e Ovinos; “Cons. Ruy Barbosa”, ilustrando a nota relembando sua presença durante a Campanha Civilista e “Hitler – O homem que podia ter evitado a guerra”, ilustrando a matéria sobre a Guerra da Europa. As outras duas fotografias são registros de locais na cidade. A primeira, o “reservatório d’aguada Praça Telve e Argollo, local da Exposição” e a segunda, da “prefeitura Municipal de Bomfim em cujos salões iluminados se realizou o magnifico baile, na noite de 29, em homenagem ao Sr. Interventor Federal e illustre comitiva”.

Portanto, este modo de ver a cidade de Senhor do Bonfim como lugar da aurora de uma nova era no sertão, marcada pelo ordenamento de seu espaço urbano e instauração de programas de civilização dos costumes de seu povo, foi seguido e defendido pelo jornal *Correio do Bomfim* ao longo de suas três décadas. Nesse sentido, as imagens foram de considerável importância. Como já foi dito, a sede do jornal tinha sua gráfica própria e funcionava paralelamente como estabelecimento comercial, oferecendo seus serviços gráficos, e como

---

<sup>2</sup>Lembrando as festas do Ruy. *Correio do Bomfim*, 01/10/1939, p 2.

agência revendedora de livros e revistas do país. Revistas ilustradas de grande circulação nacional e estadual no início do século, como *Eu Sei Tudo*, *Bahia ilustrada*, *FonFon*, *Selecta*, *Renascença*, *O malho*, *Para Todos*, *Scena Muda*, *Moda de Paris*, chegavam à região através da empresa proprietária do jornal, que as divulgavam em suas páginas e eram adquiridas por aquela população, o que de certa maneira cumpriram diversas finalidades como entreter, informar, integrar, mas, sobretudo educar o olhar da população sertaneja através das fotografias e ilustrações veiculadas.

Segundo Paulo Knauss (2011), as revistas ilustradas combinavam textos e imagens estabelecendo uma ligação entre a cultura letrada e a cultura visual. Pelas páginas dessas mídias desfilam fotografias que dão cobertura das tendências das modas masculinas e femininas nos salões, nos passeios públicos, cenas de artistas de cinema, do rádio, transformações urbanas ou cenas esportivas. Portanto, esses modos de ler e de ver estabelecidos nos grandes centros urbanos, como Rio de Janeiro e Salvador, aos poucos vão tomando conta dos meios letrados da população sertaneja que passam a se identificar com essas ideias resvalando em conteúdos do jornal impresso local, que funcionou como principal porta voz deste discurso. Posso dizer com isso que o sertão inicia a sua participação no espaço público, sobretudo pelas imagens fotográficas, principalmente aquelas veiculadas nas revistas ilustradas e jornais.

Em 1916, o *Correio do Bomfim* publica duas fotografias da cidade. Sua importância se deve principalmente ao fato de que possivelmente aquelas fossem as primeiras imagens do centro urbano de uma pequena cidade sertaneja do nordeste baiano difundidas publicamente. Ao menos se trata da primeira vez no citado jornal além de ser o mais antigo em circulação naquele momento. Não foi possível identificar uma data precisa das fotografias. Ainda que não exista referência de autoria das mesmas, é bem provável que sejam de Ceciliano Carvalho, ao que parece o único fotógrafo que residia e atuava na cidade na época, inclusive com anúncio de seus serviços no próprio jornal. A qualidade das reproduções era



Figura 2 - Correio do Bomfim, 24/12/1916.

bastante precária o que comprometia uma melhor visualização em seus detalhes. Na primeira delas temos o enquadramento de um trecho da Praça Dr. José Gonçalves e na outra uma perspectiva da Rua Conselheiro Franco, que segundo o jornal onde eram realizados os festejos natalinos na cidade. As fotografias procuram destacar publicamente em Bonfim a presença de ruas e suas edificações habitacionais alinhadas. Lourenço Pereira da Silva (1906:59-60) informa que este era o aspecto marcante da parte nova da cidade em oposição à outra “distinguindo-se pela beleza, vastidão e elegância de construção” das duas praças existentes e das ruas “por sua extensão e beleza de alinhamentos”.

Essas fotografias seguem um padrão normativo daquelas de tipo urbano do século XIX, enquadrando detalhes de ruas largas e retas como em São Paulo ou Rio de Janeiro presentes nos álbuns de cidades ou nas revistas ilustradas. Esse perfil de fotografias cumpre a função de apresentação oficial de uma cidade e também na formação de uma opinião pública sobre ela. Graças ao seu “efeito-verdade” a imagem fotográfica foi utilizada na época para as funções sociais de transmitir informação e de ordenamento do espaço urbano, contando com a imprensa como um dos seus principais veículos difusores. Margarita Ledo (1998) afirma que o contraste informação/opinião está pautado na ideia de credibilidade construído pelo discurso jornalístico. Por isso a fotografia, pelo seu caráter mecânico e seu apelo documental, se converte no principal instrumento de autenticidade.

Quando em 1897 Euclides da Cunha (2003) chegava finalmente ao sertão baiano, o que lhe chamou a atenção na paisagem da vila de Queimadas foi a decrepitude de sua casaria pobre, desajeitada e velha em sua única e irregular praça. Pelas suas andanças nas regiões a impressão que o jornalista fluminense teve era que talvez Alagoinhas fosse “a melhor cidade do interior da Bahia” na época, com “ruas largas, praças imensas” e sem “uma viela estreita, um beco tortuoso”. Ora, muito provavelmente quando o jornal *Correio de Bonfim* veicula essas fotografias da sua cidade estivesse ali uma atitude em dar credibilidade ao que seus cronistas locais já falavam sobre ela, ou seja, da existência no seio daquele sertão de uma pequena urbe em vias de expansão e que buscava se identificar com os ditames de uma estética moderna em sintonia com as novidades da época.

### **“A Terra do Futuro”**

É muito provável que as primeiras fotografias da cidade de Jacobina a ter uma circulação pública em mídia impressa foram as veiculadas na memória histórica de Afonso Costa, de 1916, publicado nos anais do V Congresso Nacional de Geografia. Antes disso não existia jornal na cidade e não pude verificar em nenhum dos outros das localidades circunvizinhas. É possível que venha encontrá-las em alguns dos jornais de Salvador, ainda não verificados, ou nos almanaques do Estado. Ainda que restrito a um seleto grupo de interlocutores esse modo de ver a cidade acabou construindo e perpetuando uma maneira de adentrá-la em seus aspectos urbanísticos, arquitetônicos, culturais, econômicos ou políticos.

O texto, intitulado *Minha terra (Jacobina de antanho e agora)*, foi selecionado para participar no citado Congresso, promovido pelo Instituto Geográfico e Histórico da Bahia presidido por Theodoro Sampaio. Afonso Costa participou também emitindo pareceres sobre outros textos recebidos dos diversos municípios baianos. O Congresso, entre vários aspectos, foi importante na promoção da visibilidade aos municípios que compunham o Estado da Bahia, muitos deles recém-criados na época. Participaram apresentando suas memórias ou corografias os representantes das elites letradas dos municípios. Esse universo era composto por médicos, advogados, professores, funcionários públicos, dentre outros. Afonso Costa era o mais eminente deste círculo em Jacobina. Na época do evento ele já trabalhava e residia em Salvador.

O título do texto de Afonso Costa é uma clara referência ao poema *Canção do Exílio*, de Gonçalves Dias. Tal como o poeta, ele escreveu aquele que pode ser considerado o maior “poema” dedicado à sua terra, quando se encontrava fora. Ao contrário do poeta maranhense, Afonso Costa não retornou mais a viver em sua terra, tendo se mudado depois de Salvador para o Rio de Janeiro, participando ali como membro da Academia Carioca de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, vindo a falecer em 1955. É possível que o intelectual lamentasse o fato de aquela pequena cidade do sertão não oferecer as condições necessárias para que um homem como ele ali permanecesse. Nacionalista e com forte sentimento nativista, sua memória histórica constitui um olhar interno do sertão, exatamente no momento em que crescia no Brasil um sentimento de autodescoberta. Sua formação como intelectual foi profundamente marcada pelo prisma dominante do Positivismo reinante nos institutos da época e sua escrita rebuscada tinha uma forte conotação parnasiana.

O termo *futuro* estava mesmo na ordem do momento naquelas cidades sertanejas. Um futuro promissor era o que anunciava o novo século para o sertão nas palavras de seus cronistas. O texto de Afonso Costa (1916) é marcado ora por um discurso que enaltece o passado glorioso, ora pela esperança de futuro que promete para sua cidade. Tendo sido a primeira vila criada no sertão da Bahia e responsável pelo abastecimento da coroa portuguesa com a extração de ouro no século XVIII, Jacobina experimentou no século XIX uma longa fase de estagnação econômica, em parte decorrente pela descoberta de diamantes na região das Lavras Diamantinas, quando teve sua elevação à cidade, em 1888, com o título de “Cidade Agrícola de Santo Antônio de Jacobina”. Naquele momento, o destino de Jacobina foi visto pelo autor como o de uma “terra do futuro”, principalmente depois que por ali passasse a tão aguardada estrada de ferro que promoveria sua expansão econômica.

Apesar de acreditar no desenvolvimento futuro de sua terra, a postura de Afonso Costa com relação à estética das ruas e edificações públicas erigidas ali denota certo desagravo por estarem distantes das “*urbs modernas*”. Em um texto de 1923 intitulado *200 anos depois: a então villa de Jacobina*, o autor afirma que a cidade era “elegante” pela própria paisagem serrana e pelos dois rios que a cortam ao meio, mas suas feições quanto ao urbanismo e arquitetura não correspondiam ao “bom gosto” que se esperava daquela que era “uma das mais ricas terras do Estado da Bahia” (COSTA, 1923).

Em sua memória de 1916, Afonso Costa veicula quatro fotografias de Jacobina<sup>3</sup>. Duas cenas do centro urbano abordando a Praça da Matriz: uma em direção à igreja e a outra em direção à Praça Rio Branco; uma vista do arraial de Itapicuru e, por fim, uma vista parcial externa da cidade. Não há nenhuma referência de autoria das mesmas, hábito comum na época. Na sua escrita da História de Jacobina as fotografias possuem um significado de “efeito do real”. Percebo que foi através destas imagens que aos poucos foi sendo construído um padrão de visualidade urbana em Jacobina, muitas vezes repetido por outros fotógrafos. Dentre as imagens selecionadas pelo historiador, a maior ênfase foi para a área próxima à Praça da Matriz, possivelmente a única digna de ser externada visualmente naquela ocasião. O arraial de Itapicuru foi apresentado provavelmente por ter sido uma área onde foram instaladas as

---

<sup>3</sup>Devido à má qualidade das imagens no texto reproduzido não pude disponibilizar para visualização.

residências de diretores e operários da “Companhia Minas de Jacobina”, outrora famosa e abundante, mas em declínio naquele momento. A última imagem, uma vista parcial do alto, pressupõe um olhar abrangente e distanciado, objetivo e científico da paisagem urbana. Épcas mais tarde a imprensa local passou a veicular algumas imagens que, direta ou indiretamente, fazem eco a estas quatro.

As atividades da imprensa em Jacobina começaram em 1916 com o jornal *A primavera*. Porém, foi durante os anos de 1933 a 1943, que circulou na região aquele que foi seu mais longo e influente jornal da cidade na primeira metade do século: *O Lidador*. A empresa era de propriedade de Nemésio Lima, natural da cidade de Mundo Novo, tendo iniciado ali as atividades com o jornal *Mundo Novo*. *O Lidador* merece destaque na região como o jornal que mais investiu no poder da imagem em suas páginas, principalmente a fotografia, veiculando-a através de retratos, vistas urbanas e anúncios publicitários. Neste sentido, foi um dos principais responsáveis pela difusão da fotografia no sertão de Jacobina promovendo e educando o olhar dos seus leitores na região.

Naqueles anos de 1930 as fronteiras culturais que separavam o sertão do mundo externo, moderno e capitalista, passaram a diminuir. Acredito que foi principalmente através do recurso das imagens fotográficas que isso se tornou possível. Participando da experiência de criação e fruição das imagens fotográficas o sertanejo chegou a se imaginar como parte de uma vida em transformação. Siegfried Kracauer, marcado por um sentimento de desencanto social, denunciou na época aquela enxurrada de fotografias fazendo parte da vida das pessoas. A grande produção de fotografias estava presente em vários lugares, sobretudo nos jornais e nas revistas ilustradas, obscurecendo da sociedade sua própria realidade econômica e cultural. Kracauer acreditava que existia uma atitude de dominação política por parte de alguns setores que promovia, entre outras questões, uma varredura na memória social. Dizia que “nunca uma época foi tão pouco informada sobre si mesma. Nas mãos da sociedade dominante a invenção das revistas ilustradas é um dos poderosos instrumentos de greve contra o conhecimento” (2009:75).

Ainda que Kracauer estivesse pensando no mundo europeu e norte americano, considerando as especificidades dos sertões baianos, pode-se afirmar que esse tipo de controle visual midiático

estava atingindo também o homem sertanejo nas cidades. A edição comemorativa do segundo ano do jornal *O Lيدador*, em sete de setembro de 1935, veicula um surpreendente número de cento e quatro fotografias. Não identifiquei em jornais de outras cidades da região uma quantidade tão expressiva de fotografias numa única edição, o que indica um caráter arrojado de seu editor naquele empreendimento. O uso massivo das imagens na imprensa naquelas décadas iniciais do século vinte era amplamente difundido através das revistas ilustradas, que certamente serviu de inspiração para aquela edição de aniversário em Jacobina.

Conforme anunciado pelo *O Lيدador*, as fotografias veiculadas na edição especial tinha o propósito de fazer ver o que estava relacionado ao “progresso econômico e social” vivido por a cidade naquele momento. O jornal circulou com vinte e quatro páginas ilustradas em contraposição às suas edições normais, com apenas quatro. O diretor, Nemésio Lima, mandou confeccionar as *clichés* em Salvador para as impressões das fotografias que contaram com a colaboração direta do fotógrafo residente em Jacobina, Juventino Rodrigues, um dos homenageados na edição pelos serviços prestados à sociedade através de seu estúdio “Ideal Photo”.



Figura 3 - O Lيدador, 07/09/1935.

Percebe-se a predominância do uso de retratos no universo das fotografias, correspondendo a 75% do seu total. Entre elas o destaque foi para os retratos individuais. No geral, são imagens de personalidades que faziam parte da vida política, econômica, profissional, educacional e artística da cidade e do Estado. Em suma, prevalece a ideia de que a cidade era dotada de pessoas especiais nas mais variadas áreas, e mais do que isto, o fato de que no fundo eram aquelas personalidades as principais responsáveis por aquela fase de desenvolvimento. A imagem do sertão ali é, portanto, a de um lugar marcado por homens empreendedores. Se o sertanejo era acima de tudo um forte, como disse Euclides, quando devotava essa força no trabalho em prol da civilização, o progresso era inevitável. O jornal sugere essa ideia, principalmente se atentarmos para seu sugestivo nome. Na chamada inicial da matéria

em destaque *-Dois annos vencidos!-* encontram-se logo abaixo quatro retratos com legendas indicandotrês fundadores de jornais locais e um colaborador assíduo de *O Lيدador*.

As fotografias que destacam vistas urbanas aparecem em segundo lugar em quantidade,estando distribuídas em algumas paginas do jornal. Em uma delas, intitulada *Jacobina pittoresca*, aparecem quatro imagens acompanhadas de legendas: uma vista do cais



Figura 4 - O Lيدador, 07/09/1935.

do Rio do Ouro, cuja legenda chama a atenção para a ponte de cimento armado ligando a Praça da Matriz à rua Dr. Pedro Lago; uma vista parcial da cidadenuma tomada do alto de uma das serras que a circundam; uma vista parcial da Praça da Matriz destacando aofundo o coreto e a Igreja Matriz, construída com a autorização da rainha da Grã-Bretanha em principio do século XVIII (na legenda indica-se o XVII), por fim, uma vista parcial da Praça Rio Branco, local onde se realizavam as feiras semanais e onde estava situada a sede do poder político e da segurança. Note-se que os lugares das imagensfazem uma clara alusão àquelas veiculadas no artigo de Afonso Costa, de 1916. Estas eram as *imagens-ideias*, usando uma expressão de Kracauer, que participaram da construção pública de Jacobina enquanto cidade na época, mas em outras páginas estãoalgumas fotografias que destacam novas construções importantes no contexto de desenvolvimento econômico, social e educacional, como a estação ferroviária; a ponte de concreto armado “Manoel Novais”, ligando as duas partes da cidade cortada pelo Rio Itapicuru; o Hospital Antônio Teixeira Sobrinho e o prédio das escolas reunidas Luiz Anselmo da Fonseca, os três últimos como obras públicas daquela administração municipal em exercício.

Pode-se perceber que na imagempropagada pela imprensa a cidade estava vivendo um momento de transformação. Essa percepção foi sensivelmente captada pelos seus cronistas da época que enxergavam aquelas obras como a participação no tão desejado mundo civilizado, aindaque de uma forma sossegada,característicade uma pequena cidade sem o “movimento

infernal dos autos” que marcava a vida nas metrópoles<sup>4</sup>. Progredir sem perder suas tradições, eis o propósito defendido pela intelectualidade local. O jornal demonstra que tradições como “bumba meu-boi, cirandinha, quilombos, dança de velho, marujada, etc.” ainda se via em Jacobina, visto não ter sido afastada “pela função reformadora” daqueles dias. Mesmo com a permanência das tradições, a matéria diz que “apesar de tudo isso, vivemos com a civilização, dentro da civilização<sup>5</sup>”. As fotografias de conjunto de jazz, filarmônicas, bailes de micareta e pic-nic organizado servem de testemunhas dos novos hábitos e costumes surgidos. Porém, tal como Afonso Costa, a crítica do jornal dirigiu-se para a inexistência de obras públicas de estéticas condizentes com sua importância econômica e beleza natural, a exemplo de um jardim público.

A imagem modernizante da cidade foi realçada pelo jornal através do uso de fotografias onde aparecem, direta ou indiretamente, as máquinas como símbolos do progresso. Fotos como a da estação de trem, da usina da Cia. Força e Luz ou das máquinas de beneficiamento de algodão, a exemplo de uma montada na própria cidade, autenticam a ideia de uma fase de prosperidade. Implicitamente, o jornal procurava transmitir que dentro daquele ufanismo de um Brasil moderno e nacionalista capitaneado por Getúlio Vargas havia espaço para a participação das pequenas cidades sertanejas como coadjuvantes no seu crescimento. Pelo visto, no imaginário local aquele futuro promissor sonhado por Afonso Costa finalmente estava se tornando realidade.



Figura 5 - O Lídador, 07/09/1935.

### Velhos sertões, novos tempos, outras imagens.

Aquelas imagens hegemônicas dos sertões baianos cristalizadas no imaginário nacional como lugares onde predominavam seca, miséria, fanatismo e violência, principalmente com a repercussão da obra máxima de Euclides da Cunha, em grande medida foi amenizada

<sup>4</sup>Jacobina Pittoresca. O Lídador, 7/9/1935, p. 3.

<sup>5</sup>Sociedades e Festas. O Lídador, 7/9/1935, p. 4.

pelos seus interlocutores sertanejos a partir do convívio com o advento de uma série de novidades sem suas pequenas urbes identificadas como a presença da tão desejada civilização. A chegada do trem de ferro, da imprensa, de casas de diversões como o teatro e o cinema foram grandes motivadores da promoção de novos hábitos para aquelas populações, entretanto, foi sobretudo com a fotografia que elas aprenderam a construir suas autoimagens. Examinar tais imagens constitui uma janela privilegiada para visualizar as marcas desses novos tempos nos sertões baianos.

### Referências

- BELTING, Hans. *Antropologia de la imagen*. Buenos Aires: Katz, 2009.
- COSTA, Afonso. *200 anos depois. A então villa de Jacobina*. Bahia: Revista do Instituto Geográfico e Histórico, 1923.
- COSTA, Afonso. *Minha terra: Jacobina de antanho e de agora*. Anais do V Congresso Brasileiro de Geografia, Volume II, 1916.
- CUNHA, Euclides da. *Canudos: diário de uma expedição*. São Paulo: Martin Claret, 2003.
- CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. São Paulo: Nova Cultural, 2003.
- KNAUSS, Paulo et al. (orgs) *Revistas ilustradas: modos de ler e ver no Segundo Reinado*. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2011.
- KRACAUER, Siegfried. *O Ornamento da Massa*. São Paulo: Cossac Naify, 2009.
- LEDO, Margarita. *Documentalismo fotográfico*. Madrid: Cátedra, 1998.
- MAUAD, Ana Maria. “Imagem e Autoimagem no Segundo Reinado” in *História da Vida Privada no Brasil: Império: a corte e a modernidade nacional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- SILVA, Adolpho. *Bonfim, Terra do Bom Comércio*. Salvador: Editora Mensageiro da Fé Ltda, 1971.

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL

16

SILVA, Lourenço Pereira da. *Apreciação circunstanciada sobre o município do Bomfim*.  
Bahia: Typografia d' "A Bahia", 1906.